

## COMUNICAÇÃO COM OS SERES QUE NOS SÃO CAROS

Allan Kardec

(extraído da Revista Espírita de agosto de 1866)

*Por que todas as mães que choram seus filhos e seriam felizes em se comunicarem com eles, freqüentemente não o podem? Por que sua visão lhes é recusada, mesmo em sonho, apesar de seu desejo e de suas ardentes preces?*

Além da falta de aptidão especial que, como se sabe, não é dada a todo o mundo, às vezes, há outros motivos dos quais a sabedoria da Providência aprecia melhor do que nós a utilidade. Essas comunicações poderiam ter inconvenientes para as naturezas muito impressionáveis, certas pessoas poderiam disso fazer abuso e a isso se entregarem com um excesso nocivo à sua saúde. A dor, em semelhante caso, sem dúvida, é natural e legítima; mas ela é algumas vezes levada a um ponto insensato. Nas pessoas de um caráter fraco, essas comunicações, freqüentemente, reavivam a dor em lugar de acalmá-la, é por isto que não lhe é sempre permitido recebê-lo, mesmo por outros médiuns, até que elas tenham se tornado mais calmas e bastante senhoras delas mesmas para dominarem a emoção. A falta de resignação, em semelhante caso, quase sempre, é uma causa de atraso.

Depois, é preciso dizer também que a impossibilidade de se comunicar com os Espíritos com os quais mais se afeiçoa, quando se o pode com outros, freqüentemente, é uma prova para a fé e a perseverança, e, em certos casos, uma punição. Aquele a quem esse favor é recusado deve, pois, dizer a si mesmo que, sem dúvida, o mereceu; cabe a ele procurar-lhe a causa *em si mesmo*, e não atribuí-lo a indiferença ou ao esquecimento do ser que lamenta.

Há, enfim, temperamentos que, não obstante a força moral, poderiam sofrer com o exercício da mediunidade com certos Espíritos, mesmo simpáticos, segundo as circunstâncias.

Admiremos em tudo a solicitude da Providência, que vela sobre os menores detalhes, e saibamos nos submeter à sua vontade sem murmurar, porque ela sabe melhor do que nós o que nos é útil ou nocivo. Ela é para nós como um bom pai que não dá sempre ao seu filho o que ele deseja.

As mesmas razões têm lugar para o que concerne aos sonhos. Os sonhos são a lembrança do que a alma viu no estado de desligamento durante o sono. Ora, essa lembrança pode ser interdita. Mas, aquilo do que não se lembra não está por isto perdido para a alma; as sensações sentidas durante as excursões que ela faz no mundo invisível, deixam, ao despertar, impressões vagas, e em relação com os pensamentos e as idéias das quais, freqüentemente, não supomos a origem. Pode, pois, se ter visto, durante o sono, os seres aos quais se tem afeição, conversarem entre si, e não se ter disto lembrança; diz-se então que não se sonhou.

Mas se o ser lamentado não pode se manifestar de uma maneira ostensiva qualquer, por isto não está menos junto daqueles que o atraem por seus pensamentos simpáticos; ele os vê, ouve suas palavras, e, freqüentemente, adivinha-se a sua presença, por uma espécie de intuição, uma sensação íntima, algumas vezes mesmo por certas impressões físicas. A certeza de que não está no nada; que não está perdido

nem nas profundezas do espaço, nem nos abismos do inferno; que é mais feliz, isento doravante dos sofrimentos corpóreos e das atribulações da vida; que se o reverá, depois de uma separação momentânea, mais belo, mais resplandecente, sob seu envoltório etéreo imperecível, do que a sua pesada carapaça carnal: aí está uma imensa consolação que se recusam aqueles que crêem que tudo acaba com a vida, e é o que dá o Espiritismo.

Em verdade, não se compreende o encanto que se pode encontrar em se comprazer na idéia do nada para si mesmo e para os seus, e a obstinação de certas pessoas em repelir até a esperança que isso pode ser de outro modo, e os meios de adquirir-lhe a prova. Que se diga a um doente morrendo: "Amanhã estareis curado, e vivereis ainda muitos anos, feliz, bem de saúde," ele aceitará o augúrio com alegria; o pensamento da vida espiritual, indefinida, isenta das enfermidades e dos cuidados da vida, não é bem mais satisfatório?

Pois bem! Disso o Espiritismo não dá apenas a esperança, mas a certeza. É por isto que os Espíritas consideram a morte de modo diferente do que os incrédulos.